

Pedagogia

Ecopedagogia: um breve ensaio sobre a Pedagogia da Terra

Carlos Alberto Marques (in memoriam)*
Edgar Pereira Coelho**
Anderson dos Santos Romualdo***
Brênia Lúcia Guimarães Loti Pereira****
Camila Josefina da Silva*****
Raquel Gonzalez Monteiro da Silva*****

RESUMO

O texto visa discutir as implicações entre educação, inclusão e sustentabilidade, a partir da leitura de obras selecionadas de Moacir Gadotti. Apresenta, assim, aspectos teóricos que debatem com objetividade o cenário atual da educação no Brasil e no mundo, introduzindo reflexões sobre as possibilidades de se pensar a educação a partir do foco da Ecopedagogia. Cabe destacar a consolidação da inclusão social, a começar pela erradicação da pobreza como um imperativo ético, social, econômico e ecológico. Com base nesse viés de análise, sustenta-se a idéia de que a educação para a sustentabilidade se justifica a partir do momento em que contempla e caracteriza a inclusão, uma vez que o planeta só tem razão de ser se for melhor para todos. Defende uma visão ecopedagógica e planetária, sempre na perspectiva freiriana do inédito-viável, por acreditar possível uma outra educação. Precisa-se não só de um novo mundo, mas de um ser recriado, com uma nova maneira de ser e de estar no mundo. Assim, não existe inclusão sem sustentabilidade, da mesma forma que não se pode falar de sustentabilidade sem considerar os seus efeitos na consolidação do paradigma da inclusão.

Palavras-chave: Sustentabilidade. Ecopedagogia. Educação.

ABSTRACT

The text aims to discuss the implications of education, inclusion and sustainability from the reading of selected works of Moacir Gadotti. Introduce

* Doutor em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

** Doutor em Educação. Professor da UFV.

*** Mestrando em Educação, UFJF. Especialista em Educação e Diversidade/UFJF, Mestrando em Educação, UFJF.

**** Mestranda em educação, UFJF

***** Mestranda, UFJF, Graduada em Pedagogia, UFJF

***** Mestranda UFJF – Graduada em Pedagogia/ UFJF

therefore theoretical aspects that discuss, with objectivity, the current scenario of education in Brazil and abroad, introducing reflections on the possibilities of thinking about education from the focus of Ecopedagogy. It should be detached the consolidation of social inclusion starting with the eradication of poverty as an ethical imperative, social, economic and ecological. Based on this analysis, it maintains the idea that education for sustainability is justified from the moment that includes features and the inclusion since the planet has only reason to be if it is better for everyone. Supports an ecopedagogyc and global vision always in a Freirian view of the unprecedented-viable, believing that another education is possible. It needs not only a new world, but a recreated individual with a new way of being in the world. There is no inclusion without sustainability as the same way that you can not talk about sustainability without deliberated its effects on the consolidation of the inclusion's paradigm.

Keywords: Sustainability - Ecopedagogy - Education

Estudei a Terra como se estivesse dissecando uma barata. Conheci suas camadas, sua origem, suas características. Não me explicaram a relação entre as precárias condições de vida e a política econômica, industrial, ambiental. Isentaram-se de qualquer responsabilidade quanto ao esgoto a céu aberto, quanto ao lixo espalhado pelas ruas perto de casa e da escola, quanto às inúmeras transportadoras que foram se instalando no bairro onde eu vivia, com seus galpões enormes, construídos à custa da destruição de grandes áreas verdes etc. Nunca tive na escola a oportunidade de plantar uma árvore, de colher os legumes de uma horta, de chupar deliciosamente uma manga colhida do jardim da escola, de observar atentamente a beleza da joaninha. Ouvi, escrevi. Pouco senti. Vivenciei menos ainda (ANTUNES, Ângela. Prefácio. In: GADOTTI, 2000, p. 11-12).

Começamos a estudar **Pedagogia da Terra** com o intuito de estabelecer a relação entre o paradigma da inclusão com outros paradigmas emergentes na Atualidade¹ como é o caso da Ecopedagogia. De início, vislumbramos, no prefácio de Ângela Antunes² e apresentação de José Eustáquio Romão³ alguns indicadores que dariam suporte aos nossos propósitos. É imprescindível assumir a relação homem/natureza/homem como uma das formas de luta pela preservação da vida. Daí, a necessidade de repensarmos as relações existentes *no* e *com* o mundo. Concebermos

¹ O termo Atualidade, grafado com letra inicial maiúscula refere-se ao período histórico atual.

² Diretora Pedagógica do Instituto Paulo Freire

³ Diretor do Instituto Paulo Freire

homens e mulheres isoladamente é fragmentar nossa mentalidade como parte intrínseca do planeta Terra. Torna-se cada vez mais necessária uma atitude de enfrentamento à competitividade desleal e à exploração desenfreada/inconsequente na busca pela lucratividade existente no mundo. Abre-se o horizonte da vida como totalidade planetária, cuja base é o paradigma da sustentabilidade/inclusão.

Num primeiro momento, dedicamo-nos a uma apresentação panorâmica das idéias e conceitos apresentados por Moacir Gadotti, na obra referenciada, sem a intenção de aprofundar tais conceitos, mas como preparação para a discussão central do nosso estudo, a relação entre a inclusão e o paradigma da Ecopedagogia/sustentabilidade. Nesse sentido, pretendemos dar nossa contribuição para o aprofundamento dessa relevante e oportuna discussão praxiológica.

Gadotti (2000, p.19-20, grifo do autor) configura o cenário atual da educação e discute categorias e conceitos necessários para uma educação ecológica no mundo de hoje. No capítulo *Terra à vista!*, o autor indaga sobre como e de onde estamos vendo a Terra. Nas suas palavras:

Como se estivéssemos vendo a Terra de longe. E estamos vendo-a de longe, no espaço e no tempo. E nos obrigamos, olhando para trás, a vê-la doente e ameaçada e temos a obrigação de vê-la mais à frente habitável, cultivada, saudável, cheia de justiça. Salvá-la significa salvar-nos a nós mesmos. Não precisamos de nenhum salvador para isso, nenhum messias. Precisamos iniciar a luta pela nossa vida com dignidade em todo o planeta. Esta é a revolução ainda não realizada que irá mudar nossas vidas, **transformando o perigo em esperança.**

Ao longo dos tempos, os homens construíram arranha-céus, experimentaram o poder da bomba nuclear em Hiroshima e Nagasaki, realizaram viagens aeroespaciais, construíram satélites e desenvolveram redes mundiais de comunicação. Os fluxos de capitais se tornaram intensos, a sociedade globalizou-se.

No final do século XX e início do século XXI, com o desenvolvimento das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), os efeitos da agressão à natureza tomaram notoriedade: a chuva ácida, o desmatamento, as queimadas, a poluição, o efeito estufa. A natureza pede socorro!

É nesse ínterim que discutimos sobre a preservação da vida, algo que está suscitando grandes preocupações para os diversos setores da sociedade. "A natureza a serviço do homem": esta é a mentalidade de algumas pessoas para com a utilização dos bens naturais de que se dispõem. Refletindo um

pouco mais sobre a questão, podemos perceber que o próprio homem, por imperativo existencial, deve mudar tal atitude para continuar usufruindo dos bens naturais que, até neste momento, têm tido rumos degradantes.

Entender a interdependência entre o mundo e o homem é refletir sobre a real finalidade da vida. Viver é entendido aqui em seu sentido *lato*, isto é, significa apreciar, gozar, sustentar-se, conviver. Numa concepção filosófica, que encontra respaldo teórico-prático na perspectiva freiriana, os homens devem se assumir como seres da transformação, dotados de historicidade, além de se entenderem como seres em construção, seres do inacabamento, na busca do *ser mais*.

Várias discussões têm sido travadas mundo afora sobre a temática da sustentabilidade. Por certo, elas não vêm ocorrendo por acaso. A humanidade começa a se dar conta de que a forma como está lidando com a vida constitui, na verdade, a maior de todas as ameaças para si própria, pois põe em risco toda a sua existência, na medida em que ela mesma não cuida das condições mínimas de sobrevivência do planeta. Marques (2001, p. 28) alerta para o dado de que “O mundo é uma grande máquina, programada para sobreviver às mais difíceis aventuras, ou condenada a implodir em um grande curto-circuito de seus componentes”.

Esse conceito, no sentido tratado por Gadotti, é considerado mais a partir de seus pressupostos éticos que econômicos. Isso diz respeito não somente à degradação que tem sofrido o meio ambiente, mas também à modificação nos valores e princípios pela qual vem passando o ser humano, que tem se tornado cada vez mais egocêntrico, ao se preocupar somente com o seu próprio benefício, não se interessando pelo bem do planeta. Assim, mais do que desenvolver sem agredir o meio ambiente, a sustentabilidade é o equilíbrio do ser humano consigo mesmo, com o planeta e com o universo. Diz Gadotti (2000, p. 35): “A sustentabilidade que defendemos refere-se ao próprio **sentido** do que somos, de onde viemos e para onde vamos, como seres do sentido e doadores do sentido de tudo o que nos cerca [grifos do autor]”. A existência humana não está separada de todo o planeta Terra.

Leonardo Boff (2007) nos diz que vivemos em uma grande encruzilhada: ou mudamos o rumo da nossa história, que é exploradora, predatória, desde muitos anos, ou todos pereceremos na busca de um mesmo discurso fatalista e individualista. Os que mais sofrem com essa catástrofe não são somente os excluídos, os pobres, os negros, os índios, mas todos os que fazem parte deste planeta chamado Terra, pois a miséria, a fome, a pobreza constituem um sério desequilíbrio ecológico e ético entre os seres humanos e, portanto, devem ser combatidas universalmente.

Estamos numa sociedade de consumo que valoriza o econômico em detrimento do social e do ambiental. Assim, a preocupação com o lucro torna-se mais importante do que as consequências geradas por atos imprudentes de homens que não consideram o que possa ocorrer com as cidades, com os estados e com os países. Essas atitudes refletem-se diretamente na vida de cada indivíduo e da sociedade. Portanto, deve-se voltar a atenção não somente para o “espaço Planeta Terra”, mas também para as relações entre os seres que o habitam.

É possível evitar o flagelo do homem pelo homem? É possível cuidar da vida por intermédio da adoção de uma Pedagogia da Sustentabilidade? É possível mudar a visão excludente para uma concepção de mundo fundada na e pela diversidade? Acreditamos que sim; por isso, lançamo-nos na empreitada de repensar a educação pelo prisma da sustentabilidade/inclusão: razão maior da formulação e da utilização dela em prol de uma vida melhor para todos.

O cenário dominante, conservador e consumista prega que a globalização é o caminho mais viável para o desenvolvimento civilizatório e para o crescimento pessoal. Entretanto, esse pensamento vem subsidiando ações que têm acelerado a destruição do planeta. Com base nessa perspectiva, surge um questionamento: o que a nossa sociedade consumista e intolerante anda fazendo para mudar o cenário ecológico e social? Ao tratar dessa questão de conhecimento de todos, parte-se de um pressuposto de que nada fazemos ou de que neste momento o fato não constitui prioridade nas pautas governamentais. Gadotti (2000) refere-se aos efeitos da globalização, diferenciando a globalização competitiva da globalização cooperativa e solidária, como podemos constatar no excerto a seguir:

A globalização em si não é problemática, pois representa um processo de avanço sem precedentes na história da humanidade. O que é problemático é a globalização competitiva, na qual os interesses do mercado se sobrepõem aos interesses humanos, os interesses dos povos se subordinam aos interesses corporativos das grandes empresas transnacionais. Assim, podemos distinguir uma globalização competitiva de uma possível globalização cooperativa e solidária. A primeira está subordinada apenas às leis do mercado e a segunda, aos valores éticos e à espiritualidade humana (p. 153).

Para sairmos desse emaranhado, devemos tomar consciência dessa realidade o mais rápido possível. Precisamos de um novo projeto civilizatório, em que todos possam usufruir um bem comum. Somos seres

naturais, éticos, sociais, humanos e, por isso, a transformação da nossa mentalidade é fundamental para deixarmos para trás os princípios de uma globalização excludente e desgovernada. Daí a necessidade de se pensar na planetarização ao invés de na globalização. Para isso necessitamos re-educar o nosso olhar e nossas atitudes. Por muito tempo, introjetamos a idéia equivocada de que somos donatários do planeta e dele tudo podemos, usufruindo seus recursos a nosso bel-prazer. Nesse sentido, Gadotti (2000) afirma que "O modelo econômico dominante tirou a palavra de todas as coisas para que apenas a palavra humana falasse, virando as costas para a Terra, explorando-a apenas, não a tratando como um grande sujeito vivo do qual nós somos filhos e filhas." (p. 193-194).

Nessa era do conhecimento, na qual tem sido discutida a constituição do currículo escolar em todas as suas dimensões, a escola tem um papel fundamental, pois constitui uma importante via de construção de valores e princípios. A educação para a sustentabilidade vem para nos reorientar e chamar nossa atenção de que somos da Terra. Mas nem tudo está perdido: há uma saída possível que depende de nós. Para isso necessitamos de uma visão ecopedagógica/planetária que, na perspectiva freireana do inédito-viável, acredita em uma outra educação possível.

Educar para a cidadania planetária implica muito mais do que filosofia educacional, do que o enunciado de seus princípios. A educação para a cidadania planetária implica uma revisão dos nossos currículos, uma reorientação de nossa visão de mundo da educação como espaço de inserção do indivíduo não numa comunidade local, mas numa comunidade que é local e global ao mesmo tempo. Educar não seria, como dizia Émile Durkheim, a transmissão da cultura de uma geração para outra, mas a grande viagem de cada indivíduo no seu universo interior e no universo que o cerca (GADOTTI, 2000, p. 142).

Algumas experiências educacionais têm se mostrado como algo sem gosto, sem cor, sem vida em si mesma. A escola se afasta do mundo ao redor. Seus muros cercam um mundo virtual, irreal. E o aprendido, ou melhor, o decorado, é conhecimento superficial sem raízes no mundo vivido. Esse dilema impõe um percurso em que o educando deixa de ser mero objeto do processo educacional, tornando-se sujeito de seu aprendizado, o que se daria, uma vez iniciada, a trajetória desejante em direção a uma ressignificação de que ele é um "ser aprendente", vocacionado para ser mais na relação com os outros no e com o mundo. Nesse aspecto, Gadotti (2000, p. 82, grifo do autor) esclarece o sentido mais profundo da Ecopedagogia que:

Pretende desenvolver um **novo olhar** sobre a educação, um olhar global, uma nova maneira de ser e de estar no mundo, um jeito de pensar a partir da vida cotidiana, que busca sentido a cada momento, em cada ato, que “*pensa a prática*” (Paulo Freire), em cada instante de nossas vidas, evitando a burocratização do olhar e do comportamento.

Nessa perspectiva, o diálogo constitui um dispositivo de fundamental importância para a valorização do outro como sujeito de saberes. Ao ouvirem e serem escutados ambos se tornam sujeitos do processo de aprendizagem. A postura significa uma concepção de educação pautada numa relação de troca, de diálogo, de constituições de coletividades e singularidades, e exige disponibilidade para a constituição de uma convivência pautada na busca e no respeito às diferenças, objetivando a cidadania planetária. Ao pensar sob essa vertente, podemos falar de um saber outro: o saber incluyente.

Nossos estudos nos remetem a uma constatação de que o movimento caracteriza o que nós estamos tratando como “inclusão”, não só pelo aspecto da Ecopedagogia, mas também pela importância da sustentabilidade ética. Tal movimento, que tem provocado mudanças em todos os setores da atividade humana, caracteriza o deslocamento de uma posição fundada nos princípios da Modernidade, que permitiram o estabelecimento de práticas sociais de marcação das diferenças e da discriminação. A partir da ruptura com essas práticas, vem se constituindo um dos pilares paradigmáticos da atualidade por meio de uma nova postura fundada no reconhecimento da diversidade no seu sentido mais amplo.

Como apontamos anteriormente, essa discussão nos remete à reflexão sobre a questão da sustentabilidade, cujo termo tem sido comumente empregado como o desenvolvimento harmonioso contra a destruição desenfreada do planeta, que coloca em risco a vida. Mas de que vida estamos falando? Da sobrevivência do ser humano, dos animais, das plantas, ou de uma vida que, além destes aspectos, preocupa-se também com a sustentabilidade ética? É suficiente nos contentarmos com um planeta organicamente saudável, mas que precisa conviver com a interdição e mesmo com a morte em todas as suas dimensões, tanto biológica como social? Afinal, a vida é um bem a ser preservado e não destruído.

A partir desses questionamentos está surgindo um movimento de conscientização da necessidade de re-educarmos o olhar com base na dialética da vida, que transcende as amarras do imediatismo material para a valorização da vida em sua plenitude. Não podemos generalizar, dizendo que não há sensibilidade alguma para as questões sociais, para as necessidades

humanas. Existem aqueles que caem no fatalismo, aceitando a realidade como está posta e nada pode ser feito para que seja mudada. Mas, por outro lado, há aqueles que não se cansam de lutar, acreditando no *inédito viável*, como nos diz Paulo Freire (2002); os que têm amor à vida e se preocupam com o próximo. O exemplo do que ocorre em nosso país, citado por Gadotti (2000, p.23, grifo do autor), ilustra essa afirmação ao dizer:

Que existem contrastes, ou melhor, extremos. Podemos falar de diversos "Brasis". Ao lado do Brasil fantasia e do Brasil do jeitinho, acrescentam-se o Brasil solidário, o Brasil ético. Se denunciarmos esse Brasil sem caráter que vive do jogo do bicho e do narcotráfico, o Brasil cassino, é porque desejamos construir um país ético e solidário, o **Brasil cidadão**.

Por um lado, torna-se necessária a instauração desse olhar multidirecional que, ao mesmo tempo, preocupe-se com os rumos ecológicos do planeta e com a valorização, respeito e reconhecimento de homens e mulheres historicamente discriminados e segregados do convívio social. Por outro, advém a preocupação de se instaurar, dentro dos muros escolares, essa discussão, pois a instituição educacional é uma das responsáveis pela (in)formação dos cidadãos. Com base nessas colocações, é imprescindível que essas preocupações apontem para um mesmo objetivo que, uma vez alcançado, fará com que sejamos mais justos, solidários e com uma perspectiva de vida melhor para todos.

A sustentabilidade se justifica a partir do momento em que ela contempla essa ética que caracteriza o que nós chamamos de inclusão, uma vez que o planeta só tem razão de ser se for melhor para todos. Precisamos não só de um novo mundo, mas de um ser humano recriado. Segundo Gadotti (2000, p.32, grifo do autor):

A causa-consciência ecológica talvez possa representar esse pontapé inicial de um **novo projeto** (paradigma) de sociedade, que indique a direção e forneça a força necessária para a construção de um mundo "menos feio, mais justo e mais humano" como nos dizia Paulo Freire (p. 32).

A formação discursiva da acessibilidade e da diferença (MARQUES e MARQUES, 2003) aponta para uma maior interação de todos os agentes do ambiente, o que tem intrínseca relação com os aspectos supramencionados no texto. Os emergentes paradigmas apontam para uma (re)união de esforços em direção a uma real efetivação de um projeto, o da preservação do planeta como *hábitat* natural e espaço de relações, estando o homem e a

própria natureza voltados para o ser mais, inconclusos. (FREIRE, 2002).

Falamos da vida que nasce e renasce a cada momento, que brota da terra, do ar, da água, a vida que gera vida, que anseia por uma ética em prol da própria vida. Ética pautada nos valores humanos, na cidadania planetária, possibilitando que as pessoas partilhem das mesmas utopias sobre as necessidades do planeta: respeito à diversidade, dignidade, caráter, lealdade, paz e tranquilidade. Ética que se inicia em casa, no conjunto dos valores familiares, estendendo-se na educação e no convívio social.

A concepção Atual de inclusão procura romper com paradigmas que se consolidaram na Modernidade e que ainda se perpetuam na sociedade. Os questionamentos das práticas e das idéias de marcação, da dicotomização e do enquadramento no trato da diferença, trouxeram à tona o verdadeiro sentido da inclusão. Assim, vimos que a relação entre a inclusão e o paradigma da Ecopedagogia/sustentabilidade constrói um pensamento complexo inédito, trabalhado tanto no plano conceitual quanto na prática. A partir do momento em que há tal deslocamento, inicia-se a importante mudança na formação ideológica, passando da exclusão para a inclusão, ou seja, das práticas discriminatórias e segregacionistas para uma sociedade mais justa e mais democrática. Não existe inclusão sem sustentabilidade, da mesma forma que não podemos falar de sustentabilidade sem considerarmos os seus efeitos na consolidação do paradigma da inclusão. De acordo com Marques e Marques (2003), isso implica:

Pensar os sujeitos na sua "diversidade", dentro de uma formação discursiva que tenha como pressuposto o fato de que os dados se constituem num determinado momento, são históricos, sociais, culturais, não existindo um referencial único, mas uma disposição para lidarmos com o dado e para considerarmos todas as possibilidades da vida (p. 11-12).

É perceptível em todo o escopo de *Pedagogia da Terra*, a presença freiriana reinventada por Gadotti, como ele pensa e age, indignando-se com as injustiças e todo tipo de opressão, mas uma indignação produtiva. Para que isso ocorra, deve constar nos currículos escolares de todos os níveis uma visão ecopedagógica, o estudo do ambiente natural, o entorno, os diversos contextos da história da Terra e do Universo. A Ecopedagogia nos possibilita um olhar novo na verticalidade e horizontalidade da vida.

Entre as inúmeras situações discutidas, enfatizamos a consolidação da inclusão social, a começar pela erradicação da pobreza como um imperativo ético, social, político e ecológico. A fome e a pobreza hoje devem ser vistas

como um sério desequilíbrio ecológico e ético entre os seres humanos, devendo ser superadas em todo o planeta, não com guerras sangrentas e retaliações. O ódio jamais nos trouxe algo de bom, a violência continua gerando violência e o descaso com a vida gerando morte.

Necessitamos, acima de tudo, integrar conhecimento com amor e compaixão, em prol de uma ação solidário-planetária. Dessa maneira, instaurar-se-á um novo tempo, em que homens e mulheres de mangas arregaçadas e braços descruzados lutarão por uma vida plena para todos.

Reconhecer e respeitar a diversidade humana, é dar um grande passo para a mudança do sentimento coletivo e para a dialética do emergente paradigma da sustentabilidade/inclusão. Como nos dizem Freire e Horton (2003) "O caminho se faz caminhando". É assim que construiremos outro mundo possível e nos salvaremos da destruição. Nosso desafio é o de erguer esse novo mundo e não há nada que justifique nossa indiferença frente à realização desse sonho possível. A inclusão é o caminho a ser construído e o papel de cada um de nós é o de nos colocarmos nesse empreendimento como caminhantes, ou seja, construtores e transformadores da realidade na qual vivemos.

NOTA: Dedicamos esta publicação ao professor Carlos Alberto Marques (in memoriam), pelo empenho acadêmico e notória dedicação a uma educação mais humana e mais solidária, lutando contra qualquer forma de discriminação ou segregação racial

Artigo recebido em: 23/08/2009
Aceito para publicação: 11/06/2010

REFERÊNCIAS

BOFF, Leonardo. **Três cenários do drama ecológico atual**. <<http://www.leonardoboff.com/site/vista/2001-2002/3cenarios.htm>> 2007. Acesso em: 11 maio 2007.

FREIRE, Paulo ; HORTON, Myles. **O caminho se faz caminhando**. 2 ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da terra**. São Paulo: Petrópolis, 2000.

MARQUES, Carlos Alberto. **A imagem da alteridade na mídia**. Tese de Doutorado, Comunicação e Cultura – Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, 2001.

MARQUES, Carlos Alberto ; MARQUES, Luciana Pacheco. Do universal ao múltiplo: os caminhos da inclusão. In: LISITA, Verbena Moreira S. de S. ; SOUSA, Luciana Freire E.C.P. (Orgs). **Políticas educacionais, práticas escolares e alternativas de inclusão escolar**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 223-239.

